

**Contribuição sobre Economia solidária para o Grupo de Alternativas econômicas
Latino-Americano da Marcha Mundial das Mulheres**

Isolda Dantas¹

Economia solidária: Uma ferramenta para construção do feminismo

Essa contribuição parte da nossa experiência de atuação no movimento de economia solidária brasileiro, portanto carece de complementações diversas.

A economia solidária existe há bastante tempo como alternativa econômica a formas hierárquicas de organizar a produção. Esse caminho aponta no sentido contrário do atual sistema capitalista neoliberal. Segundo Paul Singer a economia solidária não surgiu apenas para resolver o problema da pobreza e da ausência de emprego “...*ela surgiu como reação, de forma global e completa, ao capitalismo. A economia solidária nega a existência de classes, nega a divisão entre capital e trabalho.*” (SINGER – 2006).

A Economia solidária propõe não apenas trocas mercadológicas de produtos, mas atua para processo de conscientização feito de forma participativa entre produtoras e produtores, consumidoras e consumidores, guiados pelo princípio da autogestão.

Garantir a articulação desses aspectos significa acreditar na construção de um instrumento concreto que garanta que os princípios e valores presentes na organização dos/as trabalhadores/as permaneçam também nos momentos da produção, comercialização e consumo, como soberania alimentar, agroecologia, autonomia, preço justo.

Afirmando a consciência feminista

No caso particular de projetos produtivos da economia solidária desenvolvidos com uma perspectiva feminista, sabemos que a busca desse horizonte transcende a afirmação de princípios éticos, solidários e de igualdade de classe expressados ao longo do processo de constituição da economia solidária. Pois necessitamos, antes de tudo, que as mulheres estejam presentes de forma real e concreta em todos os espaços, sendo sujeitos da ação e da construção dessa outra forma de fazer economia.

No Brasil algumas experiências vivenciadas por grupos integrantes da MMM têm avançado no interior da economia solidária em formas de garantir a participação das

¹ Militante da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil e da REF / REMTE.

mulheres em espaços de direção, cotas de 50% nas direções e representações políticas. Além disso, estabelecer uma relação direta da construção da economia solidária com o combate a violência contra mulher, agroecologia e autonomia. *“Não é possível um planta limpa de veneno e suja com o sangue das mulheres”.*(*Militante da MMM e da Rede Xique Xique de Economia Solidária*).

Outro debate central para a construção do feminismo dentro da economia solidária é o questionamento e rompimento com a divisão sexual do trabalho. Esse rompimento está relacionado com a ampliação do conceito de trabalho, com o reconhecimento do trabalho não remunerado realizado pelas mulheres e a compreensão das chamadas esferas da produção e reprodução como esferas articuladas. Ou seja, é necessário alterar o paradigma da organização do trabalho. Como a economia solidária se baseia em princípios contra-hegemônicos, pode parecer mais fácil avançar no rompimento com a divisão sexual do trabalho. Mas a constatação é que as mulheres se concentram em empreendimentos menos valorizados, e que há uma naturalização do lugar das mulheres nos empreendimentos mistos, que tendem a reproduzir a divisão sexual do trabalho ao se organizar de maneira a responsabilizar as mulheres com as tarefas organizativas. Assim, o enfrentamento aos desafios colocados para a construção da economia solidária com uma perspectiva feminista passa por impulsionar que as mulheres rompam com seus próprios limites, de modo que elas passem a assumir mais as tarefas de comercialização, gestão financeira, negociação, incorporação das tecnologias, e que seja alterada a relação das mulheres com o crédito. Nossa experiência nesta construção associa a auto-organização das mulheres que fazem economia solidária com o conjunto das lutas feministas que extrapolam o âmbito local e imediato, e constroem uma visão global da transformação social que queremos.

Neste sentido, temos contribuído para a realização do debate a partir da economia feminista, trazendo uma outra discussão na economia solidária: a necessidade de colocar a reprodução humana na centralidade do debate econômico, envolvendo a divisão sexual do trabalho e a necessidade de construir valores sociais para “a produção do viver”. “O aporte da economia feminista é tornar visível a contribuição das mulheres à economia. São pesquisas que consideram o trabalho de forma mais ampla, incluindo o mercado informal, o trabalho doméstico, a divisão sexual do trabalho na família, e integram a reprodução como fundamental a nossa existência, incorporando saúde, educação e outros aspectos relacionados como temas legítimos da economia.” (Faria e Nobre, 2002,p.13).

Como parte deste processo, na *I Conferência Nacional de Economia Solidária*, se definiu como economia solidária “[...] geradora de trabalho emancipado, operando como uma força de transformação estrutural das relações socioeconômicas, democratizando-as, superando a subalternidade do trabalho em relação ao capital”. Definimos também como um dos itens de trabalho emancipado “o trabalho que considera tanto a esfera do produtivo quanto a esfera do reprodutivo, sob pena de excluir parcela ativa responsável pelo cuidado das pessoas”.

Portanto a economia solidária pode contribuir com a luta feminista na medida que romper com a naturalização da Divisão Sexual do Trabalho e valoriza o trabalho reprodutivo. Para isso, é preciso garantir a distribuição igualitária dos trabalhos na família e na sociedade, visibilizando o trabalho reprodutivo na sociedade como parte integrante e necessária da esfera produtiva.

Outro aspecto para a Economia Solidária é a autogestão, que poderá ser uma importante estratégia de construção da autonomia das mulheres, executando novas práticas com igualdade entre mulheres e homens nos espaços de decisão e representações política.

Portanto a presença do feminismo no movimento de construção da economia solidária, sem dúvida, será determinante para construir de fato outra economia com base na igualdade e autonomia de seus sujeitos.

Contexto da América Latina

O movimento de economia solidária, como muitos outros, passou a ter uma nova dinâmica após a construção dos Fóruns Sociais Mundiais. Um reflexo dessa mudança se deu na construção de uma Rede Intercontinental de Promoção da Economia Sócio-solidária que ampliou a atuação e integrou o movimento em nível Latinoamericano. O processo de construção das edições do FSM em Porto Alegre contribuiu em especial no Brasil para uma integração entre os inúmeros grupos que de alguma forma já desenvolviam práticas dentro dos princípios da economia solidária. Como forma de estruturação nacional foi constituído o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, que agrega gestores, entidades de apoio e grupos produtivos e se reproduz em nível estadual.

No Brasil, nos últimos 04 anos foram desenvolvidas políticas direcionadas à economia solidária através da criação de uma secretaria especial - SENAES² - Dentre

² Secretaria Nacional de Economia Solidária criada em 2003 para desenvolver políticas voltadas para Economia Solidária.

elas, realizou-se um mapeamento nacional da economia solidária, totalizando 14.954 grupos em todo o país, sendo 36% grupos de mulheres. O que se percebe é que as mulheres pertencem a pequenos grupos produtivos. Nos grupos com mais integrantes se identifica a menor participação das mulheres. Esses números refletem as contradições vividas pela economia solidária frente a divisão sexual do trabalho que limita às mulheres ao trabalho do cuidado de forma invisível e desvalorizada.

Demandas aos governos

Para contribuir com o fortalecimento da economia solidária são necessárias algumas políticas de Estado, como a criação ou ampliação de fontes orçamentárias para crédito para a economia solidária com juros subsidiados. Deve haver políticas de comercialização, que promovam a compra direta de produtos da economia solidária por órgãos públicos e que estabeleça prioridade para os grupos da economia solidária nas licitações.

Os intercâmbios devem ser favorecidos, assim como métodos de educação popular que o grupo trabalhe a gestão e que desenvolvam habilidades das quais as mulheres foram excluídas. As cooperativas que socializam o trabalho doméstico – restaurantes, cuidado de idosos, lavanderias – devem ser incentivadas.

Experiências da MMM em economia solidária nos países da América Latina

Um primeiro levantamento sobre as agendas políticas e atividades desenvolvidas por pelas coordenações nacionais da MMM em 6 países latinoamericanos não identificou as experiências com economia solidária. A seguir apresentamos a experiência brasileira, além de algumas propostas referentes ao desenrolar deste debate na MMM.

No Brasil, muitos dos grupos de mulheres, urbanas e rurais, que participam da MMM desenvolvem produção coletiva dentro dos princípios da economia solidária. Em diversos Estados esses grupos participam dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária – forma de organização do movimento de economia solidária no Brasil. Existe também a participação no Fórum Brasileiro de Economia Solidária através de uma Rede de Economia Solidária (Rede Xique Xique) que integra a MMM. Desde 2006 foi constituindo o Conselho Nacional de Economia solidária. Neste espaço existe uma participação da MMM através da Rede de Economia e Feminismo, capítulo brasileiro da REMTE. Por se tratar de uma luta com diversos movimentos mistos, a presença

feminista nestes espaços tem garantido que a economia solidária avance no debate sobre o protagonismo das mulheres.

Relação da Economia Solidária com as bandeiras de luta da MMM

A economia solidária deve ser parte da luta contra o livre mercado.

Salário mínimo – Os produtos da economia solidária são baseados nos valores estabelecidos pelo salário mínimo e são responsáveis pelo abastecimento de parte do mercado local

Soberania alimentar - economia solidária busca fortalecer os saberes tradicionais através do resgate de culturais dos povos. E principalmente fortalece a prática do auto-consumo.